relegens thréskeia
V.10 N1 (2021)–pp.15a 35 ISSN 2317—3688

A FENOMENOLOGIA DO HOMEM RELIGIOSO SEGUNDO VIKTOR FRANKL

The phenomenology of the religious man according to Viktor Frankl

Thiago Antonio Avellar de Aquino[1]
Josilene Silva da Cruz[2]

RESUMO
O objetivo do presente trabalho foi identificar a perspectiva fenomenológica da religião na visão de Viktor Frankl. Para tanto, a pesquisa foi norteada pelos seguintes questionamentos: O que é o fenômeno religioso para Viktor Frankl e como ele descreve a religiosidade humana do ponto de vista de quem a vivência? Nessa perspectiva, realizou-se uma busca em suas principais obras e, por meio dessa revisão da literatura, destacou-se a percepção do autor acerca do fenômeno religioso. Verificou-se que, na concepção frankliana, o fenômeno religioso é um objeto, dentre outros, que a Logoterapia considera relevante para o encontro do sentido na vida, principalmente enquanto demanda do ser humano. Constatou-se ainda que Frankl contempla a Logoterapia como uma psicoterapia fenomenológica, tendo em vista que seu maior propósito consiste em descrever a experiência do indivíduo – religioso ou não –, sobretudo pelo fato de ele fazer uso consciente de sua liberdade, para passar ou não pela soleira da porta da religião.

Palavras-chave: Fenomenologia; Religiosidade; Sentido da vida.

ABSTRACT
The aim of the present study was to identify the phenomenological perspective of religion in the view of Viktor Frankl. Therefore, it was guided by the following questions: What is the religious phenomenon for Viktor Frankl and how does he describe human religiosity from the point of view of those who experience it? In this perspective, a search was carried out on his main works and, through this literature review, the author's perception of the religious phenomenon was highlighted. It was found that, in the franklian conception, the religious phenomenon is an object, among others, that Logotherapy considers relevant to find a meaning in life, mainly as a human demand. It was also found that Frankl sees Logotherapy as a phenomenological psychotherapy, considering that his main purpose is to describe the individual's experience – religious or not – mainly because he makes conscious use of his freedom, to pass or not through the doorway of religion.

Keywords: Phenomenology; Religiosity; Meaning of life**.**

[1] Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor Associado II na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no Departamento de Ciências das Religiões. Coordenador do Laboratório de Pesquisa em Logoterapia e Análise Existencial (LAPLAE). E-mail: thiagoaquino19.ta@gmail.com
[2] Doutora em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora Adjunta na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) no Departamento de Ciências da Religião. E-mail: josileneufpb@gmail.com

Introdução

O objetivo do presente trabalho foi identificar a perspectiva fenomenológica da religião na visão de Viktor Frankl. Para tanto, a pesquisa foi norteada pelos seguintes questionamentos: O que é o fenômeno religioso para Viktor Frankl e como ele descreve a religiosidade humana do ponto de vista de quem a vivencia? Para tanto, utilizou-se da concepção de "vivência" no sentido de contraposição ao caráter racional iluminista, nos aspetos da significação da palavra alemã *Erlebnis*. Conforme explicitou Viesenteiner (2013), esta palavra pode contemplar várias acepções, tais como: apresenta um significado de relação imediata com o mundo da vida, significa também conferir um sentido transformador da existência e ainda concerne acerca do conteúdo do seu objeto vivenciado. Nessa perspectiva, realizou-se uma busca em suas principais obras e, por meio dessa revisão da literatura, destacou-se a percepção do autor acerca do fenômeno religioso.

Tornou-se necessário, ainda, evidenciar qual a relação existente entre o viés fenomenológico e o pensamento de Viktor Frankl acerca do fenômeno religioso. Inicialmente, procedeu-se uma breve descrição acerca da fenomenologia enquanto método filosófico, para posteriormente evidenciar sua implicação nas Ciências da Religião.

Desse modo, o artigo estrutura-se na seguinte ordem: num primeiro momento, apontam-se as bases da fenomenologia husserliana e o nascedouro da fenomenologia da religião enquanto disciplina das Ciências da Religião; em seguida, destacam-se os principais fundamentos da Logoterapia e análise existencial de Viktor Frankl, enfatizando a sua visão do ser humano enquanto ser noológico e, em seguida, evidencia-se qual a posição de Frankl frente ao fenômeno religioso.

A fenomenologia como método filosófico e suas interfaces com a fenomenologia da religião

A fenomenologia, nascida no século XX no interior dos estudos filosóficos, recebeu destaque a partir do desenvolvimento realizado por Edmund Gustav Albrecht Husserl (1849-1938), nomeadamente Fenomenologia Transcendental. A partir dela, outras correntes e desdobramentos dos estudos ditos fenomenológicos foram surgindo, de modo que, neste manuscrito, ainda que sucintamente, destacaremos as bases do que hoje se denomina como Fenomenologia da Religião (FR). Para tanto, é necessário partir do que propôs Husserl e, em seguida, abordar a FR enquanto disciplina da área das Ciências da Religião.

Husserl foi um filósofo, matemático e lógico, oriundo de uma família judaica da cidade de Prossnitz, na Morávia (atualmente o território correspondente à cidade de Prostejov, República Tcheca), e teve como um de seus mestres Franz Brentano – considerado o pai da teoria da intencionalidade e indiscutivelmente grande influenciador de Husserl, no que se refere a seu postulado fenomenológico. Husserl combatia o psicologismo, ou seja. "[...] a redução indevida de um determinado âmbito do conhecimento à psicologia" (PERES, 2017, p. 69). Por esse motivo, ele propõe que o método da crítica do conhecimento é o fenomenológico; a fenomenologia é a "doutrina universal das essências", em que se integra a ciência da essência do conhecimento (HUSSERL, 1989a).

Nessa perspectiva, o autor acrescenta que a "'Fenomenologia' – designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas, ao mesmo tempo e acima de tudo, 'fenomenologia' designa um método e uma atitude intelectual: a *atitude intelectual* especificamente *filosófica*, o *método* especificamente *filosófico"* (HUSSERL, 1989a, p. 44). De forma geral, ela é definida como ciência dos fenômenos com o intuito de apreender os modos do vivido da consciência e estabelecer o conhecimento de essências ou *eidos* (Wesen) (BATALHA, 1968). Para o pai da fenomenologia, este caminho metodológico se desenvolve por duas vias: *a redução eidética e a redução transcendental*.

De forma geral, pode-se dizer que consiste na busca da intersecção entre o sujeito e o objeto por meio da consciência transcendental. Para tanto, é preciso levar em conta a perspectiva do método da *epoché,* que, de acordo com Zitkoski (1994, p. 14), "suspende o valor da atitude 'espontânea' e/ou natural e todas as vivências ali efetuadas. O mundo natural passa a valer como simples fenômeno (presente na consciência) e as ciências elaboradas a partir da posição mundana também perdem a sua validade anterior". Em outros termos, pode-se dizer que o método da *epoché* consiste na suspensão do juízo de valor. Assim, deve-se suspender todas as concepções prévias acerca do objeto de contemplação. Nas palavras do filósofo:

> [...] essa inibição universal de todas as tomadas de posição face ao mundo objetivo, à qual damos o nome de *epoché fenomenológica*, torna-se justamente o meio metódico pelo qual me apreendo puramente como aquele eu e aquela vida da consciência na qual e para a qual todo o mundo objetivo é para mim, e é tal como para mim (HUSSERL, 2017, p. 12).

O autor em baila compreendia a fenomenologia como "o princípio de todos os princípios" (CERBONE, 2014, p. 39) e tornou recorrente o tema do antinaturalismo. No que se refere ao antinaturalismo, constata-se que consiste na "rejeição da ideia de que as ciências

naturais podem fornecer uma descrição completa ou exaustiva da realidade" (CERBONE, 2014, p. 29). Em oposição as ciências naturais, a sua proposta resultou na redução fenomenológica:

> o conceito da *redução fenomenológica* adquire uma determinação mais precisa, mais profunda e um sentido mais claro: não é preciso exclusão do verdadeiramente transcendente (por ex., no sentido empírico-psicológico), mas exclusão do transcendente em geral como de uma existência a admitir, isto é, de tudo o que não dado evidente no sentido genuíno, dado absoluto do ver puro. (HUSSERL, 1989b, p. 29)

Outras reduções foram sendo incorporadas à fenomenologia husserliana como a redução eidética e a redução transcendental que correspondem respectivamente à compreensão do sentido das coisas e a busca do sujeito pelo sentido das coisas (BELLO, 2006). "A redução eidética usa o método da 'variação livre' a fim de ordenar os aspectos essenciais e não essenciais da consciência" (CERBONE, 2014, p. 64). Enquanto que "na segunda etapa do método fenomenológico, é, justamente, sobre o sujeito que se faz uma reflexão. Refletimos dizendo quem somos nós. A novidade de Husserl é exatamente essa análise do sujeito humano, ponto de partida de sua investigação" (BELLO, 2006, p. 29).

Na visão de Husserl (2018), o campo da fenomenologia deve ser caracterizado como "a captação do sentido da evidência absolutamente intuitiva, que a si mesma se apreende" (p. 27). Nesse sentido, aponta para a correlação entre sujeito e objeto, mas a sua ênfase seria no objeto vivenciado no eu ou na consciência, ou seja, no vivido (HUSSERL, 1989a). Essas proposições do método husserliano tornaram-se elemento de interesse de um "novo" campo do conhecimento, em função da abordagem de seu objeto: a ciência da religião. E assim, por sua vez, desencadeou o desenvolvimento de uma de suas disciplinas: a Fenomenologia da Religião passou a resgatar essas perspectivas para a sua abordagem do fenômeno religioso.

Com relação ao surgimento dessa última, Filoramo e Prandi (1999) destacam que essa terminologia foi criada pelo holandês P. D. Chantepie de la Saussuye, em 1878, que intencionava realizar a retomada do método por excelência de abordagem do fenômeno religioso naquela época: o método comparativo, chamado *Comparative Religion.* No entanto, os autores também indicam que a primeira expressão real de uma Fenomenologia da Religião surgiu após uma longa jornada de cinquenta anos a partir dos estudos de outro holandês: Gerardus van der Leeuw, isso porque "a primeira era filha do positivismo evolucionista que predominava na segunda metade do séc. XIX, a outra será filha da reação ao positivismo" (FILORAMO; PRANDI, 1999, p. 29).

A Fenomenologia da Religião, de acordo com Klaus Hock (2010), possui categorias ou grupos que se distinguem pela sua abordagem: 1) *Fenomenologia da Religião Descritiva*, que descreve e classifica fenômenos individuais; 2) *Fenomenologia da Religião Tipológica*, que pesquisa grupos inter-relacionados de fenômenos, mesmo que se apresentem com bases distintas; 3) *Pesquisa da Religião Fenomenológica*, que em seu sentido mais estrito investiga a essência, a estrutura e o significado de fenômenos religiosos. Ainda de acordo com o autor supracitado, essa categorização inicial da Fenomenologia da Religião ainda não concebe todos os desdobramentos dessa vertente de abordagem dos fenômenos. Segundo ele, baseando-se no que propõe J. Waardenburg, acrescenta a *Fenomenologia da Religião Cognitiva* e a *Fenomenologia da Religião Reflexiva* (HOCK, 2010).

Para além dessas correntes e classificações indicadas por Hock (2010), considera-se relevante apontar como surgiu e no que consiste a Fenomenologia da Religião, tendo em vista que, enquanto disciplina no campo das Ciências da Religião, torna-se cada dia mais conhecida. Sobre seu surgimento, é preciso salientar que a FR nasce imbricada com a História das Religiões, como numa espécie de campo de disputa e tensões. As Ciências da Religião surgiram há aproximadamente cem anos, sendo esse o período de existência tanto da História das Religiões quanto da Fenomenologia da Religião.

Nas palavras de Holanda (2017, p. 134) “a posição da fenomenologia é de que a religião somente se dá na manifestação, como *experiência religiosa* (vivência) frente ao mistério, ao sagrado e ao inexplicável”, o que demonstra que o campo de atuação da fenomenologia é a experiência; é o olhar para o fenômeno enquanto algo que se manifesta como acessível, ainda que seja inexplicável. Dito de outro modo, a fenomenologia não se preocupa com explicações e justificativas sobre como e por que o fenômeno ocorre, ou ainda, como no caso das pessoas crentes, como ele é crido. A fenomenologia apenas descreve tão somente o que se manifesta: o fenômeno.

Nessa direção, é necessário pontuar que a Fenomenologia da Religião, como uma ramificação da fenomenologia, traz em seu arcabouço teórico nomes importantes para os estudos das religiões, como Rudolf Otto, Mircea Eliade, Gerardus van der Leeuw, entre outros. Assim, Holanda (2017) traz essa referência ao destacar que:

> Rudolf Otto, contemporâneo de Husserl, é nome de destaque nessa tradição, por sua análise hermenêutico-fenomenológica da experiência religiosa, e sua descrição do Sagrado, como o *mysterium tremendum et fascinans*, e estabelece um vínculo antropológico às ciências da religião. É sua defesa do numinoso como essência universal que torna Otto um fenomenólogo. Mas é com

> Gerardus Van der Leeuw que a FR se constitui como um campo destacado de estudos (...) (HOLANDA, 2017, p. 134).

Ademais, muitos outros fenomenólogos nesse campo poderiam ser destacados, a exemplo de Friedrich Heiler (1892-1967), Geo Widengren (1907-1996), Nathan Söderblom (1866-1931), Joachim Wach (1898-1955), Mircea Eliade (1907-1986), entre outros. Esses foram destacados apenas para indicar quão diverso foi o percurso trilhado pela Fenomenologia da Religião, porém o mais significativo é demonstrar o seu significado e como ela pode contemplar os estudos da psicologia da religião de forma interdisciplinar.

De acordo com Hock (2010, p. 82-83), a Fenomenologia da Religião "como ciência empírica, pode apresentar a 'essência empiricamente experimentável' de fenômenos religiosos, ao captar seu significado interno – embora somente sob a forma na qual são experimentados e vividos pelos seres humanos". Terrin (2003), por sua vez, considera que o escopo da Fenomenologia da Religião seria a compreensão da essência da religião e da experiência religiosa. Sobre essa última perspectiva, comenta Bello (2018):

> De fato, a investigação sobre a interioridade, indispensável para compreender o sentido da experiência religiosa, é necessária, em primeiro lugar, para tratar da questão que se refere ao sentido do humano. Este último não pode ser apreendido "de fora", mas é compreendido a partir de dentro, por meio da análise das nossas vivências. É somente através da análise do humano que se pode chegar a aclarar o sentido do religioso (pp. 26-27).

Atentando à ciência das essências, considera-se pertinente compreender o pensamento de Viktor Frankl acerca do sentido do fenômeno religioso, posto que este autor tratou do sentido da existência humana. Antes, porém, torna-se necessário explanar os fundamentos antropológicos de sua perspectiva existencial.

Fundamentos antropológicos do pensamento frankliano

A fenomenologia imprimiu sua marca em vários sistemas de pensamento, sobretudo na terceira escola vienense de psicoterapia denominada de Logoterapia e análise existencial. Seu autor, o psiquiatra Viktor Frankl, assim descreve os motivos que o levaram a desenvolver o seu sistema de pensamento: "Passei pela escola do psicologismo e pelo inferno do niilismo. Realmente é possível que, no fim das contas, todo aquele que desenvolve um sistema de psicoterapia descreve apenas a história da sua própria doença" (FRANKL, 2010, p. 154). Seu *Leitmotiv* foi demarcar a fronteira entre a filosofia e a psicoterapia, sobretudo no que se trata dos valores e do sentido da vida (FRANKL, 2010).

Para o autor em questão, a busca do sentido da vida seria a mola propulsora da existência humana, sendo, portanto, a motivação primária do ser. Nessa perspectiva, o ser humano é concebido como um ente noológico que busca um sentido para a vida e, também, um sentido último. Frankl (2011a) compreende que a pessoa é uma *unitas multiplex*, ou seja, uma unidade na multiplicidade de dimensões, a saber: somática, psíquica e noológica. Dessa última, denominada espiritual, originam-se os fenômenos considerados exclusivamente humanos, sendo definida pelo seu autor como se segue: "Por espírito entendemos a dimensão dos fenômenos especificamente humano, e, em contraposição ao reducionismo, a logoterapia se recusa a reduzi-los a fenômenos sub-humanos ou deduzi-los destes" (FRANKL, 2015, p. 87).

Os fundamentos antropológicos da teoria de Frankl (2011a) são reconhecidamente sintetizados em três bases: a antropológica, diretamente ligada à **liberdade da vontade**; a psicoterápica (ou a via da cura), conectada com a **vontade de sentido**; e por fim, a base filosófica que se relaciona com o **sentido da vida**.

Ainda sobre esses pilares, em síntese, destaca-se que o "primeiro chamado de liberdade da vontade pode ser compreendido como aquilo que promove ao homem a possibilidade de ser livre apesar dos condicionamentos impostos por diversas instâncias (psicológica, social, religiosa, entre outros)" (AQUINO; CRUZ, 2018, p. 85). Por outro lado, a vontade de sentido, como segundo princípio, pode ser compreendida como "a busca do indivíduo por um sentido" (FRANKL, 2016a, p. 124), consistindo numa motivação primária do ser humano. Enquanto o terceiro pilar (2016a, p. 124) "difere de pessoa para pessoa, de um dia para outro, de uma hora para outra [...] o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento". Dessa forma, compreende-se que o sentido da vida, "diz respeito, antes de tudo, ao sentido concreto e individual, que se revela, num horizonte situado e personalíssimo de possibilidades, como a 'exigência da hora', no 'aqui e agora' da existência" (PEREIRA, 2020, p. 63).

Para que cada ser humano realize plenamente o caminhar por esses pilares, é preciso levar em conta a realização de valores, que segundo Frankl (1989a) podem ser classificados em três categorias: os valores criativos (*schöpferischen Werten*), os valores vivenciais (*Erlebniswerten*) e os valores atitudinais (*Einstellugswerten*).

A primeira categoria de valores se refere aos atos e ações criativas que podem construir ou transformar o mundo para algo melhor e mais belo; já a segunda, abarca tanto uma vivência da verdade, do bom e do belo, assim como da natureza, da cultura e do amor. Por fim, os valores atitudinais podem ser descobertos por meio de um sofrimento ou um destino imutável, que leva

o ser humano a transformar uma tragedia em um triunfo ou conquista pessoal (FRANKL, 2016a).

O ser humano, a priori, já se encontra imerso no mundo dos valores. Para apreender a essência dos mesmos, requereria a via espiritual do ser. Frankl, para explicitar o seu pensamento, recorre ao poeta Goethe, quando afirmou que "Não tivéssemos qualquer coisa de solar os nossos olhos, nunca o sol poderíamos contemplar" (*apud* FRANKL, 1989a, p. 93). Assim, aventou que há fenômenos que necessitam de um ente ou objeto de intencionalidade para emergir e, por conseguinte, não podem ser manipulados a partir da própria vontade, a exemplo da fé, da esperança, do amor e da vontade: "acreditar não depende do querer; esperar não depende do querer; amar não depende do querer; e acima de tudo, querer não depende do querer" (FRANKL, 1989b, p. 69).

Corroborando com o pensamento do autor, Lukas (1992) relacionou a logoterapia com as suas raízes fenomenológicas ao considerar que

> Devemos o conhecimento da "intencionalidade dos fenômenos humanos" a Viktor E. Frankl, que por sua vez apoia-se em trabalhos de Franz Brentano e Edmund Husserl. Este conhecimento afirma que os fenômenos humanos, particularmente as decisões humanas, são ordenadas e orientadas cada qual para um "objeto intencional", sendo que o sentido e os valores são "objetos intencionais" desta espécie (p. 68)

Dessa forma, evidencia-se que, para se compreender o pensamento frankliano, é necessário utilizar o viés fenomenológico tendo em vista que a peculiaridade de sua teoria consiste em atentar para a compreensão de que

> A marca da existência humana é a coexistência da unidade antropológica com as dimensões ontológicas. A visão de homem se dá, então, à luz da ontologia dimensional, cuja premissa considera que o ser humano deve ser compreendido como uma unidade antropológica que se converte em pessoa, precisamente, no âmbito da dimensão existencial-espiritual. (RABUSKE; FERREIRA, 2020, p. 49)

A visão ontológica do ser humano defendida por Frankl (2011a) é essencial para sua visão de homem enquanto uma unidade na multiplicidade. A esta unidade antropológica que o autor toma emprestada a expressão de São Tomás de Aquino: *unitas multiplex*, entendendo que a dimensão noológica, por ser mais ampla, abarcaria também os planos psíquico e somático).

Assim como Husserl, Frankl (1978), em sua perspectiva epistemológica, propõe superar a fissura entre o sujeito e o objeto. Em contraposição à teoria do conhecimento que afirma uma relação abismal e intransponível, o autor refuta a tese do idealismo epistemológico, que concebe

que "[...] não há coisas reais, independentes da consciência" (HESSEN, 2003, p. 81). No entanto, a sua perspectiva não é ôntica e sim ontológica, não admitindo a ontização no sentido das categorias de espaço e causa e, assim, supera uma relação puramente fisiológica sensorial acerca do conhecimento do objeto.

Dessa forma, o autor aventou que há um entrelaçamento na relação homem-mundo, assim, compreende-se que "o ente espiritual 'é', em realidade, 'em' outro ente espiritual" (FRANKL, 1978, p. 94). Há, portanto, uma relação de reciprocidade também "[...] entre o mundo e a consciência: o mundo não 'é' somente consciência (literalmente 'dentro' como 'conteúdo' da consciência), mas a consciência 'é' também no mundo, 'incluída' no mundo" (FRANKL, 1978, p. 95). Assim se constata a sua compreensão do ser humano como um ente espiritual. Resta ainda saber como Viktor Frankl compreende relação eu-Tu-transcendente em sua fenomenologia religiosa, o que será abordado no próximo seguimento.

Fenomenologia da religião no pensamento de Viktor Frankl

Embora tenha contribuído com a concepção de uma escola de psicoterapia denominada de Logoterapia e Análise existencial, ou seja, uma psicoterapia centrada no sentido da vida, o pensamento de Viktor Frankl impactou várias outras áreas, dentre elas as Ciências das Religiões e a Teologia, conforme constatou Cruz (2020)[3]. Dessa forma, temas como valores, autotranscedência, autodistanciamento, consciência, liberdade, responsabilidade, resiliência, sentido da vida, religiosidade, entre outros, são trabalhados nas Ciências da Religião e na Teologia, porque são temas diretamente ligados à dimensão espiritual – ou, em termos franklianos, noológica ou noética, o que de certa forma justifica a sua contribuição para este campo.

Em diversos momentos, no entanto, Viktor Frankl necessitou esclarecer qual seria a visão da Logoterapia acerca do fenômeno religioso. Algo que ele sempre fez questão de evidenciar, é que caberia ao paciente apresentar ou não a necessidade de abordar esse tema; desse modo, não seria uma preocupação do logoterapeuta, tendo em vista que a religião seria um objeto e não um posicionamento (FRANKL, 2016b). Segundo ele, "a existência religiosa e a irreligiosa são para a logoterapia fenômenos coexistentes, e ela tem a obrigação de assumir uma posição neutra perante eles" (FRANKL, 2016b, p. 73).

[3] A autora realizou uma coleta nos bancos de teses e dissertações dos programas da área 44 da CAPES e constatou a existência de 53 pesquisas entre teses e dissertações entre os anos de 2000 à 2019.

Esse argumento de Frankl põe em evidência que a postura do logoterapeuta deve ser a de neutralidade perante esse fenômeno, porém ele não fala de indiferença. Ou seja, se a perspectiva religiosa surge a partir da demanda do paciente, é papel do logoterapeuta tratar desse tema, mas como foi dito: como qualquer outro tema que tenha sido trazido nessa relação entre paciente e profissional. Frankl sempre destacou que tanto a religião quanto a psicoterapia têm metas específicas, pois "o alvo da psicoterapia é a cura da alma (*seelische Heilung*), ao passo que o alvo da religião, por seu turno é a salvação da alma (*Seelenheil*)" (FRANKL, 2016b, p. 73). De acordo com o exposto, entende-se que a atuação psicoterapêutica ocorre de forma distinta daquela da religião, ainda que estejam muito próximas, uma vez que as metas são diferentes – e tendo em vista que a alma é ponto de convergência entre ambas as perspectivas.

Ademais, o autor adverte que a análise da crença religiosa, na perspectiva da logoterapia, se diferencia da perspectiva teológica da graça divina, observando que, como prática secular, essa escola de psicoterapia permanece no nível humano (antropológico). "Ela pode abrir a porta da religião, mas é o paciente que deve decidir se quer atravessar tal porta" (FRANKL, 2020, p. 49).

O autor analisou a religiosidade como um fenômeno essencialmente humano. Por esse motivo, considerou ilegítimo questionar se a Logoterapia acreditava em Deus, mas avaliou oportuno e legítimo a indagação: "que lugar ocupa o fenômeno da religiosidade na vida humana, na vida interior da pessoa?" (FRANKL, 2000, p. 19). Ainda acrescentou: "a logoterapia, como teoria secular e prática médica, deve restringir-se a declarações fáticas, deixando ao paciente a decisão a respeito de como interpretar seu próprio ser-responsável: seja na esteira de credos religiosos ou de convicções agnósticas" (FRANKL, 2020, p. 33). Por conseguinte, o psicoterapeuta deve deixar a porta da religiosidade aberta de tal forma que nem obrigue o paciente a passar por ela, nem muito menos bloqueie a sua busca pelo Transcendente. Assim, deixa a cargo do homem, como um ser que decide, passar ou não pela soleira desta porta.

Para além da sua contribuição como médico e psicoterapeuta, indubitavelmente, Viktor Frankl constituiu o seu pensamento existencial acerca do sentido da vida pautado em uma postura fenomenológica. O ser humano intui os valores que constituirão sua essência por meio do vivido da consciência do homem comum e da sua autocompreensão ontológica pré-reflexiva. Para o autor em questão, o ser humano encontraria sentidos na sua relação com o mundo ao captar valores por meio de sua consciência noológica, a qual denominou de *Gewissen* (FRANKL, 2016b).

O pensador vienense compreende a consciência (*Gewissen*) como órgão do sentido, ou seja, como "[...] a capacidade intuitiva para seguir o rastro do sentido irrepetível e único que se esconde em cada situação" (FRANKL, 1989a, p. 76). Ademais, o autor fez uma distinção entre a consciência psicológica (*Bewusstsein*) e a consciência noológica (*Gewissen*), a primeira capta aquilo que é (o existente), enquanto a segunda apreende algo do campo do dever-ser (FRANKL, 1995). No que se refere à fenomenologia em sua teoria, Frankl aventou que:

> A fenomenologia apenas traduz essa autocompreensão para a linguagem científica; ela não forma conceitos de valor a respeito de quaisquer fatos, mas constata como o ser humano comum vivencia valores. A logoterapia então retraduz o conhecimento elaborado pela fenomenologia, referente às possibilidades de encontrar um sentido na vida, para a linguagem da pessoa simples e comum, para capacitar também a esta encontrar sentido na vida. (FRANKL, 2016b, p. 91).

Nessa perspectiva, pode-se compreender a experiência mundana (homem-mundo) como o ponto de confluência entre a psicoterapia frankliana e o viés fenomenológico. Assim, constata-se que "de fato, a fenomenologia é uma tentativa de descrição do modo como o ser humano entende a si próprio e interpreta a própria existência" (FRANKL, 2011a, p. 16). Encontra-se aqui a aproximação existente entre a fenomenologia e a logoterapia, sendo a primeira uma descrição e registro em sentido científico daquilo que o ser humano vivencia cotidianamente; enquanto a segunda torna-se um meio de transposição para uma linguagem compreensível e facilitadora para o encontro do sentido da vida, que só é possível fenomenologicamente. Como uma via de busca de sentido, encontra-se a religião, que segundo o próprio Frankl pode ser compreendida como "[...] um fenômeno do homem, do paciente, um fenômeno entre outros fenômenos que encontra a logoterapia" (FRANKL, 2015, p. 86).

A pessoa pode interpretar a sua existência como uma tarefa, como ter um *perante quem* se considere responsável: a sociedade ou a própria consciência. Entretanto, um salto do ético para o religioso ocorre quando concebe um contramestre que lhe confere esta tarefa (FRANKL, 2016a). Em última instância, diz Frankl (2017, p. 10) "em uma meditação geral sobre as bases mais profundas da existência humana obtém-se, então, a seguinte fórmula antropológica: *ser-eu* significa *ser-consciente* e *ser-responsável*". E inserido nessa interpretação pode-se inferir que dentre as várias formas de interpretar a vida, encontra-se a religiosa, que acresce a existência de um pensador ou um supra-Ser.

Nessa perspectiva, Frankl ainda aponta que "em resumo, nossa tarefa é a de recorrer a uma investigação fenomenológica dos dados imediatos da experiência de vida real. De um modo fenomenológico, o logoterapeuta deve alargar o campo visual de seu paciente em relação

a sentidos e valores" (FRANKL, 2020, p. 34). Nessa direção, Rabuske e Ferreira (2020) ressaltam que a logoterapia equivale a uma modalidade psicoterápica que visa "expandir o campo visual dos valores para deixar que a pessoa, por iniciativa própria, se decida que razões ou que sentido concreto quer consumar, que valor pessoal quer realizar, e frente a quê ou a quem quer ser responsável" (p. 48).

E nessa perspectiva, a questão da crença ou da fé pode ser um fator determinante para essa tomada de decisão, pois para o pai da Logoterapia "[...] a fé não diz respeito nem a uma forma alienada e inferior de conhecimento nem a uma resignação otimista e ingênua diante do trágico [...] aqui crer e não crer são posturas igual e legitimamente possíveis" (PEREIRA, 2020, p. 66).

A fenomenologia de Max Scheler (2003), filósofo que influenciou profundamente o pensamento de Frankl, compreendeu que a consciência perpassa tanto a consciência do mundo, de si mesmo, quanto de Deus. Para o autor que se trouxe à baila, Deus seria compreendido como:

> [..] um ser que é por si mesmo, dotado com o predicado "divino", um ser que pode assumir uma miríade de locupletações as mais multicoloridas. Mas a esfera de um ser absoluto em geral, indiferentemente do fato de ela ser ou não acessível à vivência e ao conhecimento, pertence de maneira tão constitutiva à essência do homem quanto a sua autoconsciência ou a sua consciência do mundo (SCHELER, 2003, p. 86).

Ao comentar acerca do problema da intuição, Hessen (2003) considera uma diferença essencial entre a fenomenologia de Edmund Husserl e a de Max Scheler. Enquanto o primeiro advoga uma intuição racional, o segundo defende que o órgão para o conhecimento dos valores seria a intuição emocional (sentir intencional). Da mesma forma ocorreria para a experiência de Deus:

> Segundo Scheler, também Deus é intuitivamente conhecido. Pela via metafísica racional, chegamos a um fundamento absoluto do mundo; jamais, porém, a um Deus no sentido da religião. A nota característica da personalidade tem um valor constitutivo para a ideia de Deus. Só posso conhecer a uma pessoa na medida em que ela se manifesta para mim. A essa automanifestação de Deus corresponde, no lado do sujeito humano, a experiência religiosa. E assim, segundo Scheler, o Deus da religião só se eleva à condição de algo dado no contexto da experiência religiosa, de uma vivência e intuição imediata. (HESSEN, 2013, pp. 108-109)

Igualmente, para Frankl, essa manifestação de um Tu transcendente do *homo religiosus* seria uma vivência com um Deus "*persona*". Como Deus não se encontra como um ser natural,

ôntico, deve-se propor uma via ontológica (FRANKL, 1988). Destarte, propõe um caminho fenomenológico para compreender a experiência religiosa. "[...] a realidade metafísica, como uma realidade transcendente, que surge da intencionalidade do ato que leva a intenção: torna-se em certo modo a necessidade metafísica" (FRANKL, 1988, p. 68), uma necessidade da emocionalidade do ser religioso. Dessa forma, Deus deve ser anterior ao ato de amar, por conseguinte Deus deve ser, conclui o autor em foco, e propõe a seguinte formulação: "*Amo (Deum) ergo (Deus) est*" Assim essa tese "[...] deduz a existência de Deus do ato de amor sem limites até o objeto (infinito)" (FRANKL, 1988, p. 69).

O homem religioso adentra por meio da fé na dimensão supramundana na medida em que vislumbra um suprassentido, ou seja, uma visão teleológica do sentido último do universo, que estaria na dimensão do mistério, posto que "a fé religiosa também oferece uma interpretação do sentido do universo" (HESSEN, 2003, p. 161). Sobre esse sentido último, Pereira (2020, p. 64) argumenta que "o pensador vienense se ocupa filosoficamente, do suposto de todo acontecer objetivo, que envolve problemáticas, tais como as da 'finalidade e meta' do mundo ou de um propósito cósmico que justifique o mal e o sofrimento humano", noutras palavras "trata-se do problema do sentido do destino que se impõe a nós ou das coisas que, simplesmente, nos acontecem" (PEREIRA, 2020, p. 64).

O objeto de intencionalidade, no fenômeno religioso, seria incomensurável.

> Deus mesmo não pode ser um fator qualquer, nem sequer um fator infinito da ordem das coisas. Ele é a ordem das coisas. O sistema de relações, por sua vez, tem de ser incomensurável: não pode ser medido ou comparado, ele é 'completamente outro'. Deus não se encontra em nenhuma dimensão, simplesmente porque Ele é a dimensionalidade de qualquer relação de valores. Assim como o ponto de fuga se localiza fora do quadro, tornando possível a perspectiva, assim o espaço em que se move a transcendência está além do plano da imanência pura, ainda que a constitua (FRANKL, 1978, p. 263).

Nessa perspectiva, o homem religioso não se interpretaria como *homo mensura*, mas apenas poderia ser medido em comparação com um ser absoluto no sentido de aceitar um modelo, mas não se comparar a Ele (*Dei mensura*). Portanto, conclui o autor que: "ou bem o homem se concebe como a imagem de Deus, ou degenera em uma caricatura de si mesmo" (FRANKL, 1978, p. 270).

Para se fazer compreender, Frankl apresenta uma comparação entre a condição ontológica dos animais e dos homens apelando para as suas diferenças dimensionais. Os primeiros não adentram no mundo humano, assim também os últimos não conseguiriam

apreender racionalmente o supramundo, apenas poderiam intuí-lo por meio da fé no sentido último (FRANKL, 1989a). De acordo com o mentor da logoterapia "a partir de uma análise fenomenológica conclui-se que *quanto mais amplo for o sentido, menos compreensível ele se torna*" (FRANKL, 2016b, p. 116). Com essa afirmação, observa-se que apenas de forma fenomenológica seria possível apreender a ideia do suprassentido proposto por Frankl.

Para o referido autor, a característica fundante do homem religioso seria a fé na dimensão supra-humana, a qual se amalgama por meio do amor. A título de ilustração, Frankl (2015) sugere a seguinte analogia com a dimensão animal:

> Quem já não viu um cachorro que conduzido ao veterinário e submetido a um tratamento doloroso em seu benefício, elevou os olhos cheios de confiança para o dono? Sem poder 'saber' qual o sentido deve ter a sua dor, o animal 'acredita', enquanto confia em seu dono, ele crê exatamente porque o ama – *sit venia anthropomorphimo* (p. 86).

Dessa forma, compreende-se ainda uma unidade entre o sujeito (*homo religiosus*) e o objeto (Deus); aparentemente há uma visão dicotômica entre céu e terra, mas atenta-se que "A terra fica no espaço, enquanto o céu é o próprio espaço" (FRANKL, 1978, p. 275). De forma análoga, o referido autor aventou que o mundo humano abrange o meio do animal, enquanto o supramundo abarca a dimensão humana, destarte, assim como os animais não podem adentrar no mundo humano, o homem religioso, por sua vez, não pode ter uma compreensão total de Deus (FRANKL, 1978). Ademais, a característica essencial do *homo religiosus*, para o autor em foco, é aquele ser cujo ser-consciente e ser-responsável constituem uma missão conferida por um supra-Ser (FRANKL, 1989a). Por meio da análise fenomenológica, Frankl (1992) compreende que o ser humano deveria ser servo da sua consciência, mas para tanto, deve-se compreender a consciência como um fenômeno transcendente, no caso da pessoa religiosa. Assim demonstra em sua obra *Unbewusste Gott*:

> Só posso ser 'servo da minha consciência' quando o diálogo com a minha consciência for um diálogo verdadeiro, mais que um simples monólogo, quando a minha consciência for mais do que meu eu, quando for porta-voz de algo distinto de mim (FRANKL, 1992, p. 41).

A consciência que o autor está se referindo é *Gewissen*, oriunda do núcleo espiritual do ser, que se constitui na transcendência, e, por conseguinte, seria irredutível, como todos os fenômenos especificamente humanos. Apenas para o homem não religioso, a voz da consciência seria imanente. Assim, cabe ao ser humano uma escolha, interpretar como transcendente ou imanente. Por esse motivo, toda religiosidade autêntica reside no ser que

decide. Na medida em que o ser humano interpreta a voz da consciência como um fenômeno transcendente, e este se torna servo da sua consciência, passa então do ético para o religioso, pois se torna responsável perante um Tu transcendente.

> A consciência tem sua voz, fala-nos, – eis um fato fenomenologicamente indiscutível. Acontece, entretanto, que o falar da consciência é sempre e em cada caso um responder. E aqui, considerando psicologicamente, o homem religioso é aquele que, ao atender ao falado, experimenta a vivência de alguém que lhe fala [...] essa conversação mais íntima que se dá a sós consigo mesmo – o seu Deus é o interlocutor que o acompanha. (FRANKL, 1989a, p. 97)

Vale ressaltar que Frankl (1992) utiliza a palavra mais antiga, qual seja, Deus, em vez de divino ou divindade, pois essa palavra vem sendo utilizada há milênios. O autor do sentido da vida refuta a compreensão de que Deus e a religião sejam interpretados como um "nada mais que", o que levaria a uma visão reducionista do fenômeno religioso (FRANKL, 2015). Ademais, para ele, o pai terrestre seria a imago do pai celeste. Assim expressa que "[...] do ponto de vista ontológico, meu criador natural é apenas o primeiro símbolo e, de alguma maneira, também a imago do Criador sobrenatural de toda a natureza" (FRANKL, 1992, p. 46). O autor apresenta o seguinte relato de um dos seus pacientes: "Ao ver-me privado do pai divino, fui procurar céus substitutos. Assim, surgiu aquela saudade exagerada de meu pai consanguíneo (que nunca conhecera!) e o apego que agora sinto em relação à minha mãe falecida" (FRANKL, 1992, p. 46).

A experiência religiosa ocorre em torno de uma vivência de um "Tu originário", afinal, "[...] Deus é inconcebível e indizível, Ele só é crível e vivenciável" (FRANKL, 1978, p. 275). Tal experiência pode ocorrer em qualquer espaço, mesmo os mais profanos, como se pôde constatar em sua experiência como prisioneiro nos campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Assim registrou o relato a seguir.

> Essa jovem mulher sabia que teria que morrer nos próximos dias. Quando falei com ela, ainda assim estava bem disposta. 'sou grata a meu destino por ser assim tão duro comigo', foi o que ela me disse textualmente, 'pois em minha vida burguesa anterior eu tive tudo o que quis e minhas ambições espirituais não eram lá muito sérias'. Em seus últimos dias, ela estava completamente ensimesmada. 'Essa árvore ali é a única amiga em minhas solidões', disse-me ela, apontando pela janela do barracão. Lá fora um castanheiro estava em plena florescência e do catre da enfermaria podia-se enxergar, pela pequena janela do barracão da enfermaria, um único ramo verdejante com duas flores. 'Com essa árvore eu converso muitas vezes', disse ela. Fico meio desconcertado, sem saber como interpretar suas palavras. Estaria ela sofrendo de alucinações e delírios? Por isso lhe pergunto se a árvore também lhe responde – sim? E o que estaria dizendo? Respondeu-me: 'Ela me disse: estou

> aqui, eu – estou – aqui – eu sou a vida, a vida eterna...' (FRANKL, 2016a, pp. 92-93).

Deus se presentifica e se personifica, no caso do homem religioso, por meio da oração, na medida que é tratado de forma mais íntima como um Tu, sejam elas orações silenciosas, mentais e sem palavras (FRANKL, 1978). Sendo Deus compreendido como solilóquios íntimos, logo, ateus convictos podem ter uma vivência religiosa. Mesmo aqueles que refutaram a crença em um "ente superior" em seu leito de morte, puderam experienciar um fenômeno religioso conforme relatou Frankl (2015): "*De profundis* irrompe algo, impõe algo, aflora uma confiança ilimitada que não se sabe o que ou contra o que se manifesta, nem tampouco em que ou quem confia [...]" (p.88). Esse fenômeno ocorreria devido ao fato de que a crença religiosa, em última instância, seria a fé no meta-sentido, o que não seria necessariamente um conceito teístico (FRANKL, 1989b).

> [...] Nessas situações-limite, o homem está sozinho e fala com o nada. Mas este nada se revela logo algo de muito positivo: equivale a tudo! Na realidade, vendo bem, entre ambos não há uma diferença tão grande. Porque Deus é tudo e é nada. Quando é que é 'nada'? Quando é comprimido num conceito. E quando é 'tudo'? Quando se entende por nada o incompreensível, o inexprimível, pois então esse nada nos diz tudo (FRANKL, 1978, pp. 271-272).

Outro espaço da manifestação religiosa descrita por Frankl é o inconsciente. À medida em que o ser humano se dirige ao vazio, mesmo que seja inconscientemente, é quando ele fala com um Tu eterno (FRANKL, 1978). Nessa perspectiva, o autor se remete à religiosidade inconsciente: "[...] dentro da espiritualidade inconsciente do homem, algo como uma religiosidade inconsciente no sentido de um relacionamento inconsciente com Deus, de uma relação com o transcendente que, pelo visto, é imanente no homem, embora permaneça latente" (FRANKL, 1992, pp. 47-48).

Assim, advogou uma tendência espontânea do ser humano em direção a um Deus desconhecido, reprimido ou oculto à própria consciência. Por esse motivo, em suas casuísticas, encontrou manifestações oníricas religiosas em pessoas irreligiosas. A religiosidade, por ser um fenômeno humano íntimo e privado, assim como o amor, está involucrada pela função protetora do pudor; quando genuína, não se deixa ser expor, e, por esse motivo, oculta-se para não perder a sua autenticidade ou ser profanada, evidenciando-se como uma *religio* oculta à própria consciência (FRANKL, 1992). Relata-se, portanto, a seguir, um sonho de uma enfermeira com seus respectivos significados acerca das imagens oníricas:

> ‘Estou indo para a igreja de Alser’ e faz a seguinte associação: ‘No caminho para o meu psicoterapeuta, quando passo perto da igreja de Alser, repetidamente pensei: ‘Estou caminhando em direção a Deus, mas não através da igreja, e sim, de certa maneira, através do tratamento psicoterapêutico. Meu caminho para Deus, de algum modo, passa pelo médico; mas sem dúvida, na volta ao médico passo pela igreja de Alser. Meu caminho para a terapia é, assim, um desvio que leva à igreja. ‘[...] a igreja parece abandonada’ significa que a paciente abandonou a igreja; de fato ela havia deixado de ir à igreja. ‘A igreja está completamente destruída por bombardeios, o teto desabou, somente o altar está intacto. [...]’ as comoções (internas) causadas pela guerra não apenas abalaram-na psicologicamente, como também libertaram sua visão para o aspecto central (o altar!) da religião. ‘Do interior vê-se o céu azul, o ar circula livremente’. [...] as comoções internas libertaram sua visão, abrindo-a para o sobrenatural. ‘Porém, acima de mim estão ainda restos do telhado, vigas que ameaçam ruir – e disso tenho medo’ [...] A paciente tem medo de uma recaída, de ser ‘soterrada’ de novo ‘E fujo para o exterior, um pouco desapontada’ [...] de fato, ultimamente tem tido pequenas decepções quanto à afirmação de sua fé religiosa e também quanto a aspectos eclesiástico-institucionais; a adesão total à sua igreja foi dificultada por impressões ocasionais de uma suposta mesquinhez e falta de generosidade por parte de alguns sacerdotes e teólogos (FRANKL, 1992, pp. 35-36).

O autor, em um dado momento, conclui que “o sofrimento, além de dignidade ética, tem relevância metafísica. O sofrimento converte o homem em visionário e torna o mundo transparente. A existência, por assim dizer, transparece numa dimensionalidade metafísica” (FRANKL, 1978, p. 241). Observa-se que, a partir dos elementos simbólicos do sonho, Frankl buscou conhecer a essência do fluxo da vivência religiosa da referida enfermeira colocando em suspensão qualquer padrão preconcebido. Esta postura se constitui uma via para apreender o modo de existir no mundo e desvelar autocompreensão ontológica do sonhador (XAUSA, 2003). Dessa forma, pode-se considerar que o inconsciente religioso seria mais um lugar de encontro autêntico com a busca de sentido último.

Considerações finais

O objetivo do presente artigo foi identificar a perspectiva fenomenológica da religião na visão de Viktor Frankl. Concebe-se que tal escopo foi alcançado, tendo em conta que, no transcurso do manuscrito, procurou-se demonstrar o que é a vivência religiosa e qual o seu sentido para o homem religioso de acordo com os relatos descritos por esse autor em suas principais obras. Assim, teve o seu mérito por trazer à baila a análise da vivência religiosa a partir do ponto de vista da Logoterapia e Análise Existencial no âmbito das Ciências da Religião.

A pergunta norteadora desse artigo foi: o que é o fenômeno religioso para Viktor Frankl e como ele descreve a religiosidade humana do ponto de vista de quem a vivencia? Diante das possibilidades de compreensão do fenômeno religioso, a vertente fenomenológica de Viktor Frankl se apresenta como uma possibilidade plausível que transita tanto pela perspectiva da filosofia quanto pela psicoterapia. Como pôde-se verificar ao longo do artigo, a religação do *homo religiosus* com um Tu originário perpassa por uma vivência dialógica com a consciência (*Gewissen*), assim como por meio de uma experiência inominável que irrompe em situações limites, como a proximidade da finitude. Embora Frankl discorra em suas obras acerca de um Tu transcendente e absoluto, na prática, o autor analisa o fenômeno conforme vivido da consciência, numa perspectiva antropológica e fenomenológica.

Ademais, constata-se que o autor em foco descreveu a vivência religiosa na perspectiva monoteísta, posto que a vivência do homem religioso em relação ao seu Deus é como pessoa ou um Tu originário. A linguagem dessa relação dialógica, assim como o conceito de Deus, é, em geral, antropomórfica, utilizando-se da linguagem herdada da cultura religiosa do indivíduo.

A vontade do sentido último, na perspectiva do pensamento de Viktor Frankl, não é satisfeita por meio da observância de ritos religiosos em espaços sagrados, o lugar do encontro com o transcendente poderia ser tanto o ambiente profano, quanto o próprio inconsciente espiritual. Assim, pelo exposto ao longo do artigo, pode-se concluir que o uso do método fenomenológico para a análise da vivência religiosa, torna-se um solo fértil para clarificar a busca do sentido último no âmbito da ciência do espírito (*Geisteswissenschaften*).

REFERÊNCIAS

AQUINO, Thiago Antonio Avellar; CRUZ, Josilene Silva da. A questão do ateísmo para o entendimento do homem no pensamento de Viktor Frankl. In: *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 21, n2, jul./dez. 2018, pp. 81-93.

BATALHA, Wilson de Souza Campos. *A filosofia e a crise do homem:* panorama de filosofia moderna de Descartes a Sartre. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1968.

BELLO, Angela Ales. *Introdução à Fenomenologia.* Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia; Miguel Mahfoud. Bauru/SP: EDUSC, 2006.

BELLO, Angela Ales. *O sentido do sagrado da arcaicidade à dessacralização.* Trad. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves, Dilson Daldoce Júnior. São Paulo: Paulus, 2018.

CERBONE, David R. *Fenomenologia.* Tradução Caesar Souza. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

CRUZ, Josilene Silva da. Espiritualidade, Resiliência e Logo-educação: os fundamentos noológicos para o ensino religioso. 2020. 233 fls. Tese. Doutorado em Ciências das Religiões. UFPB – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões.* Trad. José Maria de Almeida. São Paulo, Paulus, 1999.

FRANKL, Viktor E. *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

FRANKL, Viktor E. *La voluntad de sentido.* Conferencias escogidas sobre logoterapia. Barcelona: Herder, 1988.

FRANKL, Viktor Emil. *Psicoterapia e sentido da vida*: fundamentos da logoterapia e análise existencial. Trad. Alípio Maia de Castro, 1989a.

FRANKL, Viktor Emil. *Um sentido para a vida*: Psicoterapia e humanismo. Trad. Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1989b.

FRANKL, Viktor E. *Logoterapia e análise existencial:* textos de cinco décadas. Trad. Jonas Pereira dos Santos. Campinas/SP: Editora Psy II, 1995.

FRANKL, Viktor Emil. *En el principio era el sentido*: reflexiones en torno al ser humano. Trad. Héctor Piquer Minguijó. Barcelona: Paidós, 2000.

FRANKL, Viktor E. *O que não está escrito em meus livros:* Memórias. Trad. Cláudio Abeling. São Paulo: É Realizações, 2010.

FRANKL, Viktor E. *A vontade de sentido:* fundamentos e aplicações da logoterapia. Trad. Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011a.

FRANKL, Viktor E. *Psicoterapia y existencialismo:* escritos selectos sobre logoterapia Traducción de Antoni Martínez Riu – 2ª edición – España: Herder, 2011b.

FRANKL, Viktor E. *O sofrimento de uma vida sem sentido:* caminhos para encontrar a razão de viver. Trad. Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações, 2015.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido:* Um psicólogo no campo de concentração. Trad. W. O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 40ª ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2016a.

FRANKL, Viktor E. *A presença ignorada de Deus*. [Trad. W. O. Schlupp e Helga H. Reinhold]. 17ª ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2016b.

FRANKL, Viktor E. *Teoria e Terapia das neuroses:* introdução à logoterapia e análise existencial. 1ª ed. Trad. Claudia Abeling. São Paulo: É Realizações, 2016c.

FRANKL, Viktor E. *Logoterapia e análise existencial:* textos de seis décadas. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FRANKL, Viktor E. *Psicoterapia e existencialismo:* textos selecionados em logoterapia. Trad. Ivo Studart Pereira. São Paulo: É Realizações, 2020.

HESSEN, Johannes. *Teoria do conhecimento.* Trad. João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião.* Trad. Monika Ottermann. São Paulo, Edições Loyola, 2010.

HUSSERL, Edmundo. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica.* Trad. Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 1989a.

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia.* Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989b.

HUSSERL, Edmund. *Conferências de Paris.* Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2017.

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia.* Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2018.

LUKAS, Elisabeth. *Prevenção Psicológica*: A prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia. Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RGS: Sinodal, 1992.

PEREIRA, Ivo Studart. Sim à vida apesar de tudo: a fé como expressão da vontade de um sentido último. In: PONTES, Alisson de; SANTOS, David Moisés Barreto dos; DUARTE, Clea Zanatta Clavery Guarnido. (Orgs.) *O legado de Viktor Frankl:* caminhos para uma vida com sentido. Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. Ribeirão Preto: IECVF, 2020, pp. 63-83.

PERES, Sávio Passafaro. Psicologismo e psicologia em Edmund Husserl. *Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics.* 1(2), 63-84, 2017.

RABUSKE, Sheila Maria Hesketh; FERREIRA, Flávia Neves. Vida e obra centrada no sentido: o legado de Viktor Frankl à humanidade. In: PONTES, Alisson de; SANTOS, David Moisés Barreto dos; DUARTE, Clea Zanatta Clavery Guarnido. (Orgs.) *O legado de Viktor Frankl:* caminhos para uma vida com sentido. Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. Ribeirão Preto: IECVF, 2020, pp. 43-62.

SCHELER, Max. *A posição do homem no cosmos.* Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

TERRIN, Aldo Natale. *Introdução ao estudo comparado das religiões*. Trad. Giuseppe Bertazzo. São Paulo: Paulinas, 2003.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. O conceito de vivência (Erlebnis) em Nietzsche: gênese, significado e recepção. *Kriterion*, 54 (127), p. 141-155, 2013.

XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. O sentido dos sonhos na Psicoterapia em Viktor Frankl. Belo Horizonte: Artesã, 2003.

ZITKOSKI, Jaime José. *O método fenomenológico de Husserl.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.